

César Ades (08/01/1943 – 14/03/2012): entre teias, bichos, crianças e gente grande, a paixão pela ciência

César Ades (01/08/1943 – 03/14/2012): among webs, animals, children, and grownups, the passion for science

Ana Maria Almeida Carvalho¹

Universidade de São Paulo

Brasil



Foto de fundo e composição de Davi Apenas

Lendo os depoimentos do orientador, de alunos, orientandos, colegas e amigos de César, que me foram confiados e que constituem a maior parte deste texto¹, me voltou à lembrança o trecho final da autobiografia de Darwin, concluída em 1881, pouco antes de sua morte, e na qual ele se descreve com palavras que podem ser (e foram) ditas sobre o nosso pesquisador:

¹ Os co-autores deste texto, que me enviaram os depoimentos inseridos aqui, são citados brevemente nessas inserções, e identificados em *Nota sobre os autores* ao final do texto. O próprio César é co-autor, na medida em que lembranças e palavras suas estiveram conosco durante sua elaboração. O prof. Walter Cunha não pôde enviar um depoimento escrito, e me pediu que escrevesse a partir do que me relatou verbalmente. Outras citações foram extraídas de textos indicados nas referências.

Portanto, meu êxito como pesquisador, qualquer que seja sua dimensão, foi determinado, tanto quanto posso julgar, por qualidades e condições mentais complexas e diversas. Entre elas, as mais importantes foram: a paixão pela ciência, paciência ilimitada para refletir longamente sobre qualquer tema, zelo na observação e na coleta de dados, e uma certa dose de criatividade e de senso comum. Com faculdades tão comuns como as que possuo, é verdadeiramente surpreendente que eu tenha influenciado consideravelmente as crenças dos cientistas sobre alguns pontos importantes (Darwin, 1881/1993, p. 93).

Desde meados de março de 2012, quando sua morte foi divulgada, tanto a mídia eletrônica quanto a impressa têm estado coalhadas de referências, depoimentos, biografias e outros informes sobre César. Não se pretende aqui retomar esses conteúdos, que estão facilmente acessíveis e alguns dos quais são citados neste texto. Ao invés, a partir das palavras dos depoentes e dele próprio, fazer um pequeno retrato desse professor, colega, amigo, pesquisador, cujo brilho se destaca no quadro científico brasileiro e internacional na área de pesquisa que tanto contribuíu para consolidar – a Etologia, introduzida na universidade brasileira por seu orientador de doutorado, Dr. Walter Hugo de Andrade Cunha. É a partir de relatos do próprio César e das lembranças de Walter que começamos esse retrato.

César jovem

Nascido no Cairo, César migrou para o Brasil com sua família em 1958, motivados pelo conflito que se desenrolava em torno do canal de Suez e pelo fato de já terem família aqui. Em entrevista recente à TV USP², diz que seu interesse pelos animais já vinha da infância; aos 13 ou 14 anos, ganhou um livro sobre a vida das aranhas e, a partir daí, em seus passeios pelos jardins, “comecei a prestar atenção... a tomar notas (...) o comportamento do naturalista é tomar notas... fui jogando insetos (na teia) pra ver...”. Nesse, como em outros aspectos, César está em boa companhia. Darwin relata que, à época em frequentava a escola, sua atração por história natural já estava bem desenvolvida: “Tentava decifrar nomes das plantas, e colecionava todo tipo de coisas, conchas, lacres, selos, moedas e minerais. A paixão por colecionar que leva um homem a ser um naturalista (...) era muito forte em mim” (Darwin, 1881/1993, p. 7). E Walter Cunha (citado em Fuchs, 1995) confessa o mesmo tipo de fascínio:

Eu não sei de onde vem esse meu interesse por bicho... o bicho me prende os olhos, eu gosto de ver... Eu lembro que minha mãe dizia que eu passava horas a fio sentado na calçada olhando o chão. Acredito que foi nessa ocasião que comecei a prestar atenção em formiga... (p. 18).

² <http://scienceblogs.com.br/socialmente/2012/03/uma-homenagem-ao-mestre-cesar-ades/>

César conta, na mesma entrevista, que sua adaptação ao Brasil foi suave, apesar de seu quase total desconhecimento do país (que, em suas palavras, ainda não tinha a projeção internacional que tem hoje) e também do idioma: “Eu devia ser um pouco brasileiro antes... não vejo estranheza... logo comecei a arranhar um pouco o português, fui aprendendo o jeito das pessoas... foi tranquilo.” Cursou o colegial (atual ensino médio) em francês, no Liceu Pasteur, e ingressou no curso de Psicologia da FFCL da USP em 1961. Segundo ele, hesitou entre Biologia (de que gostava muito) e Psicologia, com que tinha tido contato ao estudar filosofia no 3º ano; e decidiu-se pela Psicologia, porque “achei que abrangia a biologia – e acabei juntando as duas...” Walter Cunha relata que conheceu César ao voltar de um estágio nos EUA. Foi seu professor de Psicologia Experimental em 1961, de Psicologia Comparada e Animal em 1963 e posteriormente na primeira disciplina que ministrou na pós-graduação. Em seu relato (Cunha, 2012, março), conta que, na parte prática de Psicologia Experimental, ministrada por ele no segundo semestre, pedia aos alunos que replicassem experimentos publicados em revistas como *American Journal of Psychology* e *Journal of Experimental Psychology*, e a seguir desenvolvessem um experimento original nas instalações dos laboratórios de Psicologia Experimental na Alameda Glete e elaborassem um relatório em formato de artigo, segundo as normas da APA. Estudando percepção (que, mais tarde, forneceria o tema de seu trabalho de conclusão de curso e de sua dissertação de mestrado, sob orientação de Dora Ventura), César inventou equipamentos originais para seus experimentos. Pouco depois, pediu a Walter que viabilizasse a montagem de um labirinto para ratos – possivelmente o ponto de partida de seu interesse por comportamento exploratório em campo aberto, ainda na Glete. Walter descreve César como um aluno extremamente interessado e criativo, e conta que recomendou sua contratação como instrutor da cadeira de Psicologia Social e Experimental em 1965, quando César ainda cursava o 5º ano. Walter relata ainda um incidente relevante: tentando interessar um outro estudante pelo estudo de aranhas, costumava levá-lo para a Cidade Universitária, para observar aranhas no bosque da Química; em uma dessas excursões, César os acompanhou e, diz Walter: “foi ele quem se interessou, e descobriu tantas coisas, demonstrou tanta competência, que dei as aranhas para ele”. Foi Walter quem lhe ofereceu, em uma caixa, sua primeira aranha *Argiope argentata* – a semente de sua tese de doutorado, tempos depois, quando César já atuava há anos como instrutor na graduação (aos 22 anos) e, desde 1969 (com 26 anos), como professor de disciplinas de pós-graduação.

No doutorado César foi inicialmente orientando de Carolina Bori, e passou para a orientação de Walter devido a seu interesse por comportamento animal. Segundo Walter, César foi um orientando “que não dava trabalho, trazia observações e reflexões adequadas, às quais eu apenas acrescentava sugestões de clareza e de precisão” (Cunha, 2012, março, s. p.). Não é essa a visão do próprio César, que comenta, em entrevista a Renato Kinuchi e



Maurício Ramos (Kinuchi & Ramos, 2011³), que Walter escrevia comentários extremamente ricos, muitas vezes mais extensos do que o texto que estava comentando (o que, aliás, também foi a minha própria experiência como aluna e orientanda de Walter...). E César parece ter adotado o modelo, segundo o depoimento de Patrícia Izar:

Do professor, na graduação e na pós, guardo não só as ideias que me foi incutindo e fazendo pensar, mas o método pedagógico, formulando questões que conduziam a uma reflexão acurada sobre cada novo conceito, e a preocupação em reforçar esse exercício, devolvendo cada pequeno texto com comentários reforçadores e instigantes.

No longo período de convivência entre César e Walter desenvolveu-se entre eles uma grande amizade:

Fomos de fato muito amigos. Enquanto estive no Departamento, sempre almoçávamos juntos e eu sempre que podia o levava de carro para casa, e não havia problema ou assunto de pesquisa sobre que não conversássemos. Depois de aposentado, não deixei de convidá-lo nunca para alguma comemoração familiar, e todos de minha família - a filha, o genro, os netos, os demais parentes - o estimavam e admiravam bastante. (...) amigo foi o que sempre fui mais dele (Walter Cunha).

César professor e orientador

Não é possível falar sobre César professor e orientador de forma mais expressiva do que com as palavras de seus alunos e orientandos. Permito-me começar por esta aluna, que teve o privilégio de tê-lo como professor no seu primeiro ano de pós-graduação, 1969:

Foi uma verdadeira revelação do que pode ser um professor (...). César é um professor que transmite paixão pelo conhecimento, provoca curiosidade e dá um enorme espaço para os alunos (Ana Carvalho, citado em Menandro, 2010, 15 de março, s. p.⁴).

*Quando, no início dos anos 70, entrei no programa de pós-graduação em Psicologia Experimental, passei a ter contato com professores muito jovens e brilhantes; entre os de Etologia, área em que me concentrei naquele período, o mais visivelmente apaixonado era César Ades, muito entusiasmo, brilho nos olhos, e muita disponibilidade para com os alunos. Atencioso e gentil, me dispensou acolhimento caloroso, que me foi caro já que, egressa do Instituto de Biociências, me sentia tímida e deslocada na área Psi. Sua dedicação contagiente me envolveu na produção com ele de um trabalho sobre *Argiope argentata*. Convivi com César quando despontava a estrela de referência internacional que ele se tornou no estudo do comportamento. Sou para sempre grata a ele pela sólida contribuição dada à minha formação científica (Leila Lapyda).*

³ Nessa entrevista encontra-se, em palavras do próprio César, uma descrição muito detalhada e rica de sua fase estudantil, das influências principais que recebeu, sua avaliação sobre história e filosofia das ciências na formação do pesquisador e outros aspectos de sua trajetória e de seu pensamento.

⁴ Esse texto, em que se baseou uma apresentação em homenagem a César durante a I Reunião Anual de Neuropsicologia e Comportamento, em setembro de 2010, está sendo proposto para inclusão no livro *Cientistas do Brasil*, a ser publicado pela SBPC.

César Ades foi meu orientador. Não foi o primeiro, nem o último. Mas foi ele, certamente, aquele que me guiou para a área de pesquisa em que trabalho até hoje. Me lembro que na época, recém terminada minha graduação, tinha duas ou três possibilidades, igualmente atraentes, para o que fazer a seguir na vida. Num congresso, conversei com possíveis orientadores para um futuro mestrado. Mas quando falei com César, com seu entusiasmo imenso e contagiente pelo Comportamento Animal, não tive dúvidas, meu futuro estava decidido. Só isso seria motivo para grande dúvida com ele. Mas ele fez mais: continuou sendo meu guru e grande amigo mesmo quando troquei de orientador para o doutorado e também depois, já como colega etólogo (...) E foi através dele que conheci tantos e tantos grandes amigos na minha vida, a maioria também orientandos dele. Só posso agradecer imensamente ter encontrado o César naquele distante quarto de século atrás (Carlos Alberts).

Na verdade não há palavras que expressem o carinho e admiração que ele atraía, pelo entusiasmo com que ministrava suas aulas, despertando sempre o nosso interesse, pelo sorriso e pela atenção com que nos acolhia pelos corredores, pela dourada humildade que fizeram dele um exemplo inesquecível de pessoa e de mestre (Katharina Beraldo).

*César foi meu querido mestre: orientador do primeiro estágio ao doutorado, catorze anos definidos pela palavra **generosidade**. Generoso com seu tempo, inteligência e cultura com uma aluna de biologia ignorante, me ensinou tudo e me transformou em etóloga. Infinitamente mais generoso no doutorado, me deixou tentar uma pesquisa muito arriscada e me transformou em exploradora de caminhos difíceis. César foi um ampliador do mundo (Beatriz Beisiegel, grifo da autora).*

César era daqueles professores que ficam na memória de qualquer aluno. Depois que a gente se forma, a gente vai esquecendo dos professores, mas ficam um ou dois dos quais a gente se lembra para sempre. Esse é o caso de César. Recentemente contratada pelo IPUSP e ministrando disciplinas junto com ele, eu tinha para mim que assistiria, este ano, todas as aulas que ele fosse dar, para que me servissem de inspiração, para que funcionassem como um aprendizado. Não houve tempo. Porém, o entusiasmo que vinha de dentro dele era contagiente e fundamentou minhas escolhas profissionais iniciais e isso nunca vai mudar. César, grande mestre... aprendi muito... mas eu ainda tinha tanto o que aprender! Saudades... (Briseida D. Resende)

César foi uma das pessoas mais importantes da minha vida. Minha vida acadêmica começou quando o procurei, 12 anos atrás, querendo estudar comportamento animal, e ele me recebeu com o carinho e a gentileza que distribuía igualmente a todas as pessoas que encontrava. De lá para cá, devo a ele meu crescimento pessoal, minhas conquistas, e espero poder ser uma replicadora hábil e fiel de todo o conhecimento que ele me passou e que ultrapassa o limite profissional. Ele tinha também esse poder de entrar na nossa vida pessoal como um pai querido que até quando se zanga mantém-se leal. Espero que em cada um de nós, seus filhos acadêmicos, seja levado um pedacinho do nosso querido César, seja em conhecimento, em ideias, em curiosidade, em entusiasmo, em alegria, em gritos espontâneos que saltam pelo corredor, em gentileza, no olhar atento e encantado à vida animal e em todas as outras coisas maravilhosas dele das quais não nos esqueceremos. Obrigada, César! (Patrícia Monticelli-Almada)



Conheci César Ades por indicação de minha mãe – ele tinha sido seu professor de Psicologia quando ela estava na graduação da USP. Não sabia nada de comportamento na época, mas ele me recebeu de braços abertos em seu laboratório, e assim começamos uma parceria que durou mais de 12 anos... César me fez ver a beleza do comportamento animal com sua empolgação, seu entusiasmo, seu jeito simples de falar e gritar pelos corredores. Mais do que um orientador, ele foi um amigo. Hoje, ficaram muitas lembranças boas, muitos trabalhos por fazer (sim César, estou tocando nossos artigos, como você queria!) e um pé de árvore que ele plantou pra mim, que fica aqui na sala e que me faz lembrar dele todos os dias (Nina Furnari).

Um dia César me chamou junto com um grupo de alunos de graduação para uma reunião na Diretoria. Pensei: o que será que ele quer? Serviram café, eu não gostava, mas aceitei – e gostei, até hoje tomo. E o que ele queria? Queria dizer que gostou dos nossos trabalhos em sua disciplina e que seria bom que fossemos ao Congresso Norte-Nordeste. Esse foi meu primeiro café, meu primeiro congresso, meu ingresso no mundo da pesquisa, de onde não saí mais. Vieram outros cafés na cantina do IP, onde ele vivia sorrindo e falando de árvores, dos pássaros, das lindíssimas teias de aranha que estavam por lá... Com certeza, esse homem marcou minha vida! (Gabriela Silva)

E, por fim, de um aluno que só teve contato com César durante a graduação, nos primeiros anos do curso: “César Ades foi um grande cientista e um excelente sujeito, um dos maiores professores que já tive, porque ensinava aos alunos, mais do que um conteúdo específico, a alegria de pensar com liberdade” (Zanin, 2012, s. p.).

Esses depoimentos, tão convergentes em conteúdo e mesmo em palavras – paixão, entusiasmo, acolhimento – são representativos de várias gerações de alunos/ orientandos, desde o final da década de 60 até hoje. Essa continuidade é enfatizada por Fernando Ribeiro (citado em Menandro, 15 de março, 2010): “Quem o vê hoje, e encanta-se com seu entusiasmo, conhece o mesmo César Ades de 40 anos atrás (...) César Ades é, e sempre foi, um professor” (s. p.).

Além de paixão pela ciência e pela área, o que César ensinava, e como ensinava, é descrito por Patrícia Izar em seu memorial de concurso em 2005:

Discutimos a evolução de conceitos da Etologia clássica, como instinto, padrão fixo de ação e o modelo de motivação. Usando como base inúmeros artigos sobre as mais diversas áreas de estudo do comportamento animal, como comunicação, comportamento parental e memória, o Prof. César foi nos mostrando que a oposição “inato-adquirido” perdera o sentido. Mesmo um padrão comportamental muito estereotipado, típico de uma espécie, pode ser modificado em função de estímulos do ambiente. Por outro lado, mesmo em condições ambientais muito distintas daquelas naturais, ou com a manipulação experimental dos estímulos relevantes, os animais apresentam padrões comportamentais típicos da espécie. Aprendemos que muitos comportamentos típicos de uma espécie são adquiridos por mecanismos de aprendizagem individual ou social, mas que essa aprendizagem é afetada por predisposições biológicas. Não apenas predisposições anátomo-fisiológicas, mas predisposições comportamentais que foram moldadas pela seleção natural. O curso foi muito estimulante não só pelo tema, mas pelo entusiasmo contagiente do prof. César. Sua fascinação pelas peculiaridades do comportamento das mais diversas

espécies, como aranhas, papagaios ou tamanduás, ficou ainda mais evidente na expedição que fizemos ao Parque das Emas, em Goiás, como atividade prática da disciplina. Essa viagem foi uma oportunidade única de ilustrar as possibilidades de compreensão da evolução do comportamento ao adotarmos uma abordagem comparativa, em meio à natureza fascinante do Cerrado.

César e as crianças

Aproveito a menção à excursão ao Parque das Emas para esboçar uma faceta de César que testemunhei pela primeira vez ao participar dessa excursão acompanhada por meus dois filhos mais novos: o fascínio recíproco entre ele e as crianças. Durante anos, meus filhos volta e meia me perguntavam: como vai aquele seu amigo que gosta de aranhas?

Rui Oliveira (colega e amigo de César do ISPA, Lisboa) relata uma observação semelhante ao final de seu depoimento (transcrito adiante): “A título pessoal o César tornou-se também visita e hóspede regular de nossa casa e foi rapidamente adotado pelas crianças, juntamente com as quais entrava (e promovia) nas brincadeiras mais loucas.”

Isabel Pedrosa conta dois episódios de César amigo das crianças:

Ainda aluna do doutorado, fui um dia ao B-10⁵ fora do horário de aulas, junto com meu filho de 5 anos, Marcelo; no corredor encontramos com César, que convidou Marcelo para uma visitinha ao seu laboratório de aranhas. Marcelo se encantou com tudo que viu e lhe pediu uma aranha. “Um curioso por aranhas tanto quanto eu!”, parece ter pensado o professor, e lhe ofereceu uma Argiope argentata, da qual possuía muitos exemplares. Marcelo, entretanto, preferiu uma caranguejeira. César relutou em ofertar seu único exemplar, tentou persuadir Marcelo, mas logo cedeu ao pedido insistente, que sinalizava muita curiosidade sobre aquele animalzinho cabeludo!

Anos depois, César veio ao Recife e o levamos a um passeio na ilha de Itamaracá-PE. Estávamos acompanhados de minha filha e sua prima, ambas de 12 anos. De volta a Recife, as duas meninas, sentadas ao lado de César, começaram a cantar. Pouco depois, iniciei uma conversa qualquer com César que, rapidamente e de modo disfarçado para que as garotas não percebessem, me fez um sinal a fim de não interrompermos a cantoria das crianças. Fiquei surpresa com seu entusiasmo; parecia se deliciar com aquela situação! O encanto por crianças era uma das facetas de César. Observava-as com interesse, como se aprendesse com elas.

A natureza da relação entre César e as crianças é revelada por ele mesmo em Ades (2009):

Usarei, para finalizar, um episódio pessoal em que a categoria de ‘amigo’ me foi atribuída por uma menina então com seis anos, Isabella, da qual era (e sou) frequente companheiro de brincadeiras (a ponto de um dia, por telefone, me convocar: ‘César, estou com minhas duas primas aqui e queremos brincar uma brincadeira, tem que ser de quatro, você não quer vir?’). Na escola, um dia, a atividade era falar de ‘ciência’. Quando chegou a sua vez, Isabella relatou: ‘Eu tenho um amigo que se chama César e ele estuda os bichos’. E ficou falando de bichos. (...) Há muito que aprender a

⁵ Bloco 10 - onde funcionou o PSE-IPUSP até o final da década de 80.

respeito das crianças, se tivermos o gosto e a paciência de chegar perto e de observá-las, com um olhar minucioso que tem muito do olhar etológico, e se prestarmos atenção à sua autonomia e criatividade enquanto seres culturais. Acho que aprendi um bocado com crianças, entre outras coisas um uso especial da palavra amigo (p. 134).

E ainda: “Aprendi um bocado sobre como construir pipas, em longas conversas com os meninos empinadores da praia de Ponta Negra, em Natal. Mais do que isso, acabei fazendo amizade” (p. 133). E reconhece: “sou um desses adultos atípicos que se encantam em entrar (e às vezes ser aceitos) no grupo infantil” (p. 128).

Por que atípico? César olha o relacionamento entre adultos e crianças, à parte as relações com os pais e outras relações assimétricas, como “um relacionamento especial que eu gostaria de caracterizar como tendo a ver com amizade” (p. 132). Para que essa relação se constituía, “é preciso que o adulto desista um pouco, como num faz de conta, do poder que lhe confere o papel tradicional de adulto, como quem se agacha para falar com crianças, estabelecendo uma proximidade ao mesmo tempo física e simbólica” (p.132). O adulto que brinca “se destaca, aos olhos das crianças, dos outros adultos distraídos ou reguladores. Torna-se atípico” (p.132). E sugere que essa relação atípica (o que não significa que seja rara ou anormal) “provavelmente tenha raízes evolutivas e constitua uma das formas básicas pelas quais velhas e novas gerações trocam informações e criam, a cada momento, uma dada configuração cultural” (p. 128).

César amigo das crianças e curioso (como sempre) a respeito delas não as esqueceu em sua obra: como lembra Menandro (2010, 15 de março), escreveu artigos destinados a elas, publicados em Ciência Hoje das Crianças e como capítulos de livros, com títulos como *O namoro dos bichos*, *Os bichos também brincam*, *Bicho sabido*.

Assim, César etólogo e César amigo das crianças convivem no mesmo César apaixonado e envolvido que se revela a cada momento de sua atuação – como aluno, professor e, em qualquer dessas faces, pesquisador.

César pesquisador

“Minha área de pesquisa é a curiosidade.” Esta frase meio brincalhona de César, frequentemente citada em referências a ele, não se limita ao fato, também verdadeiro, de que a curiosidade foi um de seus interesses de pesquisa; expressa antes, como se entende facilmente, sua abertura em relação a seus objetos de estudo e seu fascínio pelo desconhecido e pela descoberta: “O meu gosto é pelos animais, pela vida... sempre achei fantástico o animal saber fazer o que faz, fantásticamente apropriado”, ele responde a uma pergunta sobre a sua escolha de animais para estudo na entrevista à TV USP citada acima.

De fato, como aponta Menandro (2010, 15 de março), do interesse inicial por comportamento exploratório em ratos, e a seguir pelo comportamento de aranhas orbitelas,

a curiosidade de César se expandiu, ao longo dos anos, para insetos, para outros aracnídeos, outros roedores, outros mamíferos além destes, inclusive e principalmente os primatas (entre os quais *Homo sapiens sapiens*) etc etc (quase 60 espécies!) : qualquer bicho interessava a César... Vera Bussab (citado em Menandro, 2010, 15 de março) comenta: “Não é por acaso que o acompanham, por uma vida, caderetas de anotações e máquinas fotográficas: não quer perder o registro de tudo aquilo que é capaz de perceber de maneira tão criativa e generosa. Está sempre pronto, como um sábio, a aprender e a enxergar” (s. p.).⁶ Também a temática de seus estudos é extremamente diversificada: percepção, motivação e emoção, aprendizagem, memória, estereotipia e plasticidade, comportamento parental, comunicação animal, proto-simbolismo na comunicação entre cães e seres humanos... A lista é extensa e pode ser visualizada percorrendo-se em seu currículo os títulos de suas publicações e de trabalhos orientados, de iniciações científicas a doutorados.⁷ A relação entre espécie estudada e tema focalizado não é aleatória: é guiada pelo conceito de ‘comportamento ecologicamente relevante’, uma versão atualizada do conceito etológico clássico de ‘comportamento específico da espécie’ que acentua a ênfase na função adaptativa do comportamento, e que César propõe como um diferencial da abordagem ‘psicoetológica’ – termo utilizado por Walter Cunha em um artigo que não chegou a ser publicado (Para uma Psicoetologia do medo), e que foi retomado em Ades (1986).

Essa amplitude de interesses, associada à sua participação na criação dos encontros anuais de Etologia (inicialmente regionais, hoje nacionais), da Sociedade Brasileira de Etologia, da Revista de Etologia (periódico sob responsabilidade do Laboratório de Psicoetologia do PSE-IPUSP, criado por ele), é um dos fatores responsáveis pela expansão e consolidação da Etologia brasileira. De fato, como afirma Emma Otta⁸, “o desenvolvimento da Etologia no Brasil tem a marca do prof. César” – afirmação com a qual outros concordam:

Não é exagero dizer que a Etologia brasileira foi em grande parte construída por ele. Foi no PSE que se formou a maioria dos etólogos e psicólogos evolucionistas que atuam hoje no Brasil, que se mostrou a biólogos a importância de entender o comportamento dos animais, e para psicólogos a relevância da teoria evolutiva para a compreensão do comportamento humano (Mendes, 2012, s. p.).

O nome de César Ades se confunde com a etologia no Brasil. Acredito que isso ocorra não só pelo seu pioneirismo na área, mas também pela abrangência do seu trabalho, e, principalmente, pela divulgação científica que fazia nos mais diversos meios. Sua figura sempre simpática e sorridente, seu carisma e sua paixão pelo estudo do comportamento eram extremamente contagiantes e por si só angariavam admiradores e também novos pesquisadores (Briseida D. Resende)

⁶ A coleção de cadernos de anotações e de fotos decorrente das observações de César está sendo examinada por sua filha Lia Ades Gabbay e por colegas do Laboratório de Psicoetologia do PSE-IPUSP com vistas à produção de um livro póstumo.

⁷ <http://lattes.cnpq.br>

⁸ Em comentário no decorrer da entrevista de César à TV USP.

Foram esses também os pontos de partida para o intercâmbio entre diversas áreas das ciências biológicas anteriormente em grande medida isoladas dentro da comunidade científica - Veterinária, Zootecnia, Ecologia e preservação de biodiversidade e outras - que atualmente interagem em congressos, intercâmbios e interesses de pesquisa, tanto em nível nacional quanto internacional - como evidenciam as numerosas participações de César (com trabalhos seus e de seus orientandos) em encontros promovidos por sociedades científicas de sub-áreas diversas em diversos países ao redor do mundo e o intercâmbio estabelecido por ele com esses grupos de pesquisa. Com a palavra, dois dos colegas/amigos que construíram com César essas relações de intercâmbio internacional.

Conheci o César Ades em agosto de 1999, durante a Conferência Etológica Internacional que nesse ano se realizava em Bangalore, na Índia. O Brasil apresentava a candidatura ao International Ethologists' Council para a organização da conferência de 2003 e o César, juntamente com o Mateus Paranhos da Costa, procurava apoios para a proposta brasileira. Com a alegria contagIANte e o carisma do César não foi difícil fazer passar a proposta e quatro anos depois a Conferência Etológica Internacional realizava-se em Florianópolis com imenso sucesso, e revelando à comunidade internacional o excelente trabalho que vinha sendo feito nesta área no Brasil. E foi de fato em Florianópolis que a minha amizade com o César se começou a cimentar. Até aí eu o via como um colega respeitado que trabalhava num campo do estudo do comportamento animal paralelo ao meu, mas nessa conferência, mais uma vez conjuntamente com o Mateus, conversámos sobre o paradoxo da Etiologia estar em grande expansão quer em Portugal quer no Brasil, mas as duas comunidades não se conheciam bem. Ficou logo ali decidido que tínhamos que fazer algo sobre o assunto e iniciou-se um intercâmbio para promover a ida de pesquisadores portugueses aos encontros da Sociedade Brasileira de Etiologia e vice-versa. Foi também por essa altura que o César se tornou membro do Conselho de Redação da revista científica Acta Ethologica, publicada pela Springer-Verlag, e que é o órgão oficial das Sociedades Portuguesa e Espanhola de Etiologia. E foi assim que nos aproximámos e que se gerou essa amizade tão fácil de estabelecer com o César. Em 2004, após o Encontro de Etiologia em Campo Grande viajámos os dois juntos para o Pantanal e foi deslumbrante observar o César no campo. Tinha um conhecimento imenso de história natural do Brasil e uma confiança natural nos bichos que deixava à flor da pele os nervos do guia que nos acompanhava nas nossas caminhadas ou passeios de barco ou a cavalo. Essa foi a primeira de muitas viagens que realizámos juntos em Portugal e no Brasil. As visitas de César a Portugal, quer para os encontros da Sociedade Portuguesa de Etiologia quer para lecionar no Programa de Psicobiologia do ISPA (Instituto Superior de Psicologia Aplicada), tornaram-no uma figura muito querida na comunidade de etólogos e psicólogos em Portugal e sobretudo entre os alunos, com os quais conseguia estabelecer uma relação de proximidade e respeito mútuo muito especial (Rui F. Oliveira).

MERCI Cesar de nous avoir fait confiance, de nous avoir accueillis, accompagnés, fait découvrir tant de voies d'échanges possibles entre les êtres vivants, de nous avoir éclairés, instruits sur l'intelligence animale et les liens indéfectibles qui unissent l'homme et l'animal. Ta disponibilité, ta bonne humeur et ton sourire en toutes circonstances nous ont fait franchir beaucoup d'obstacles et croire en l'avenir; tu nous a beaucoup transmis, à nous de prolonger et poursuivre cette œuvre scientifique et humaine extraordinaire. Concrétisons ton souhait de réunir

l'Université de São Paulo et VetAgro Sup pour bâtir le Symposium 4 : Échanges le Vivant en Ville (Geneviève Bernardin).⁹

Além de seu papel na consolidação da Etologia no Brasil e na projeção desta no cenário internacional, da relevância científica de seu trabalho em cada espécie e tema específicos que abordou, da proposição de conceitos heurísticos como ‘comportamento ecologicamente relevante’, gostaria de destacar a contribuição de César em uma questão que me é particularmente cara: a superação das dicotomias genético-ambiental, inato-adquirido, biológico-cultural. Essa superação de certa forma já está presente em seu pensamento desde sua escolha de curso de graduação, como explicitada no primeiro item deste texto: a opção pela Psicologia porque lhe parecia que abrangia a Biologia. Na entrevista à TV USP, respondendo às tentativas persistentes do entrevistador de diferenciar genético e ambiental/cultural, ele também é insistente:

O indivíduo que nasce já traz um conhecimento, não precisa adquirir tudo ... a aranha recém saída da ooteca precisa saber construir uma teia para não morrer de fome... uma parte da equação já vem dentro do organismo... mas é claro que a aranha também aprende... o saber inato (dela) se aperfeiçoa, tal como para nós... ...minha perspectiva é justamente o contrário (de diferenciar genético-ambiental), é juntar... a genética humana prepara para ser cultural...

César retoma essa questão em muitos de seus textos ao longo dos anos. Em um dos mais recentes (Ades, 2009b), ele vai buscar em Darwin a afinidade com seu próprio pensamento: “Darwin não elimina do instinto a operação de fatores de cognição, sua concepção se aproxima bastante do modo atual de considerar o comportamento animal como produto de fatores de prontidão e de plasticidade” (p. 1)

Finalizando este item, cabe apontar que, além de promover a consolidação da Etologia no Brasil e seu reconhecimento em nível internacional, de aproximar da Etologia e da Psicologia pesquisadores de diversas sub-áreas das ciências biológicas, César, com seu pensamento integrador, contribuiu para integrar também abordagens rivais dentro da própria Psicologia. Citando José Lino Bueno, seu primeiro orientando de doutorado (em Menandro, 2010, 15 de março):

Sob a inspiração do mestre Walter Hugo de Andrade Cunha (como destacam todos os que colaboraram com o presente texto), César participou de um modo essencial da criação dessa Psicoetologia que assimilava a perspectiva evolucionista sem perder o foco nos processos psicológicos: seu

⁹ OBRIGADA, César, por ter confiado em nós, por nos ter acolhido, acompanhado e levado a descobrir tantos caminhos possíveis de troca entre os seres vivos, por nos ter esclarecido e ensinado sobre a inteligência animal e os elos indestrutíveis que unem o homem e o animal. Sua disponibilidade, seu bom humor e seu sorriso sempre presentes nos ajudaram a superar muitos obstáculos e a acreditar no futuro. Você nos transmitiu muita coisa, cabe a nós prolongar e dar continuidade a essa extraordinária obra científica e humana. (Que nós) concretizemos seu sonho de reunir a Universidade de São Paulo e o VetAgro Sup na realização do *Symposium 4: Échanges Le Vivant en Ville*



pioneerismo, no país, de levar a observação do repertório comportamental para dentro das caixas de ratos de laboratório trouxe importantes consequências metodológicas e conceituais para o estudo da aprendizagem e da motivação (s. p.).

A aproximação entre a abordagem etológica e a psicologia experimental norteamericana, incluída nesta a psicologia comparada clássica, já é proposta por Robert Hinde em 1970, em sua obra *Animal Behaviour: A synthesis of Ethology and Comparative Psychology*. As tensões históricas entre essas abordagens não detiveram César que, nas palavras de Menandro (2010, 15 de março):

Ao longo de sua trajetória de construtor de conhecimento, nunca deixou de reservar parte de seu tempo para produzir e publicar reflexões e proposições metodológicas, sempre em sintonia com sua convicção de que é possível e desejável um enfoque que integre diferentes perspectivas e mesmo diferentes disciplinas (isso o caracterizou, inclusive, em um determinado momento em que a psicologia brasileira vivia um conflito de abordagens de difícil tratamento, como lembrou José Lino Bueno) (s. p.).

A vocação integradora de César se expressa ainda em sua gestão à frente do IEA-USP. Perguntado, durante a entrevista à TV USP, se tinha trazido para o Brasil muitos pesquisadores internacionais de sua área de pesquisa, ele responde, com seu sorriso habitual: “Ao contrário, eu evitei trazer pessoas da minha área. O IEA é um espaço de interdisciplinaridade, de multidisciplinaridade, de transdisciplinaridade. É um local de encontro.”

Uma outra faceta de César gestor, que também conta sobre seu estilo de se relacionar e interagir, é lembrada por Clotilde Rossetti-Ferreira:

É difícil falar de um amigo tão querido, que reunia qualidades tão diversas. Conto um evento que mostra sua capacidade de resolver situações de conflito através de um diálogo aberto. Durante sua gestão como diretor do IPUSP e minha participação como membro da Comissão Permanente de Avaliação (CPA), várias vezes nos encontramos, almoçamos juntos e batemos papo. Numa dessas ocasiões, os estudantes haviam invadido o prédio da Reitoria, e quem conseguiu resolver o problema, após várias tentativas frustradas, foi César. Ele entrou respeitosamente na assembleia dos estudantes, sentou-se no chão com eles e, na base de um diálogo aberto e franco, conseguiu negociar a desocupação pacífica. Esse era César Ades.

Paixão, entusiasmo, criatividade, reflexão crítica, capacidade de integrar enfoques, sintetizar oposições aparentes, aproximar áreas limítrofes, articular relações e provocar novas questões, uma enorme disponibilidade para interagir e compartilhar e a simplicidade e humildade dos sábios estão por trás de César pesquisador e da obra que ele nos legou – e que, como dizem vários de nossos depoentes, cabe a nós preservar e continuar.

César colega e amigo



Não são só as crianças que chamam César de amigo: quase todos os depoentes – inclusive alguns que sequer foram seus alunos, só o encontravam nos corredores ou em congressos – mencionam explicitamente essa palavra ou se referem de alguma forma à interação pessoal com ele, como já deve ter sido notado nos depoimentos acima, e como é enfatizado nos que se seguem:

... um excelente cientista, professor e palestrante. Ademais, era também uma pessoa que transmitia muito afeto em seus contatos pessoais e um respeito muito grande pelo outros, de uma maneira tão simples, gostosa e sincera, muito rara de se ver hoje em dia... Sua falta é IMENSA (Mara Campos-de-Carvalho, grifos da autora)

César marcou profundamente pela alegria e pelo entusiasmo que dedicava a tudo: suas amizades, suas pesquisas, suas aulas e palestras e, para mim, em nossas conversas ‘sobre tudo’. Não consigo avaliar o quanto nos fará falta (Silvio Morato)

‘Para Ziza, com carinho elevado à Zézima potência.’ Não preciso procurar o cartão nem o presente que o acompanhou há muitos anos; as frases de César ficam escritas na gente. É muito difícil resumir em poucas linhas uma pessoa que escreve isso, uma relação que gerou essa lindeza de frase (Beatriz [Ziza] Beisiegel).

Cibele e eu ficamos mais próximas de César na International Ethological Conference em Florianópolis. No coffee break ele se aproximava de nós com aquele sorriso gostoso e perguntava: ‘Cadê o meu lanchinho?’ (só porque um dia tínhamos levado um lanche para ele nesse intervalo). Um dia, caminhando à beira da praia ele começou a cantar para nós: ‘Minha jangada vai sair pro mar...’ e disse: ‘Vocês conhecem? É Caymmi, lindo, não? Eu adoro! Sempre que ouço Caymmi me lembro do prof. César, de sua simplicidade, alegria, entusiasmo ao falar das pesquisas, das crianças, ao ouvir os alunos... E sempre que o víamos, mesmo fora da USP, ele nos cumprimentava como se fossemos amigos de muitos anos. E pensar que eu (Yumi) nem aluna dele fui... Fica o sentimento: que bom que o conhecemos! (Yumi Goso e Cibele Biondo).

(...) Para mim César era assim, professor, companheiro de brincadeiras, conselheiro. Depois que me tornei sua colega, quem diria, ele procurava me apoiar a partir de sua experiência em cada etapa que para mim constituía um desafio. No dia em fui eleita chefe do departamento, contei que estava assustada e ele me tranquilizou, dizendo que também tinha sentido assim a cada novo cargo, mas todas as vezes percebeu que eram oportunidades de aprender, sobre a universidade, sobre as relações humanas, e que tudo daria certo. Em muitos outros momentos recorri a ele para ouvir uma opinião serena. E, claro, também tenho muito forte na lembrança o quanto ríamos juntos, de qualquer bobagem, ele se divertia com qualquer coisa, eu também, quase tudo acabava em muita gargalhada. Tudo isso era muito especial, fazia a gente se sentir muito bem tendo ele por perto (Patrícia Izar).

O sorriso aberto e o riso contagiate de César são marcas inesquecíveis de sua forma de se relacionar.

César parecia considerar o “riso frouxo” um comportamento ecologicamente relevante – mas isso, ocasionalmente, trazia problemas. Após participar de uma banca na USP, fomos a uma cantina, acompanhados de Ibrahim, marido de uma das integrantes da banca. César e Ibrahim riaram sem parar e a todos contagiam apenas

com sua performance hilariante de tentar contar anedotas (aliás, conhecidas e sem grande apelo humorístico...). Ainda que as risadas fossem muito gostosas, alguns dos presentes avaliaram que a atividade excedia o limite de decibéis aceitáveis em uma cantina (que é sempre repleta de barulhos e gestos!) e fomos admoestados. Também rimos muito da bronca que levamos... (Paulo Menandro).

Como disse Beatriz Beisiegel, é muito difícil resumir fazendo justiça à pessoa, ao professor e ao pesquisador César Ades e à sua contribuição para a ciência brasileira e internacional. Termino com dois depoimentos particularmente tocantes, de sua filha Lia e de sua amiga Lisa, filha de Geneviève Bernardin, que o conheceu durante um congresso em Lyon. Suas palavras expressam, com muito carinho, o reconhecimento de que César, por sua obra e por sua presença em cada um de nós, continua conosco.

Desde pequena assistia algumas aulas do meu pai, e ficava fascinada: a imagem dele era muito forte, intensa, daquelas pessoas cheias de sentimento, de amor pelo que fazem. Era o mesmo amor que ficava evidente nele quando chamava, a mim e à minha irmã, para irmos correndo ao quintal de casa testemunhar uma aranha fazendo a sua teia. Um grande acontecimento! Mais tarde tive a honra de ser sua aluna, o amor pelo conhecimento e pela Psicologia em particular já eram, como não podia deixar de ser, parte inseparável de quem sou. Penso que sou por demais privilegiada: como filha, tive um professor de vida que acima de tudo ensinou-me o quanto esta é linda, que vale a pena ser sorvida em cada gota. Apaixonado, fez de mim apaixonada. A falta que me faz é indizível, mas ao mesmo tempo, com imensa emoção, o tenho para sempre em quem sou (Lia Ades Gabbay)

César, ton attention, ta curiosité, ton sens de l'écoute, ton intelligence, ta sincérité, ta simplicité, ton goût pour la vie, ton sourire radieux et constant, ton talent, ton travail, tant de petits et grands bonheurs que tu as su donner sans compter aux personnes que tu as rencontrées – ils sont en nous pour toujours, tout comme toi, bien présent comme un pilier pour nous guider (Lisa Legeay)¹⁰

Referências

- Ades, C. (1986). Uma perspectiva psicoetológica para o estudo do comportamento animal. *Boletim de Psicologia*, 36, 2-30.
- Ades, C. (2009a). Um adulto atípico na cultura das crianças. Em F. Müller & A. M. A. Carvalho (Orgs.). *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro* (pp. 127-135). São Paulo: Cortez.
- Ades, C. (2009b). Darwin, instinto e mente. *Pesquisa FAPESP on line*, 157. Recuperado em 25 abril, 2012, de <http://www.iea.usp.br/cesarades.html>
- Cunha, W. H. A. (2012, março). *Comunicação pessoal*.

¹⁰ César, sua atenção, sua curiosidade, sua capacidade de escutar, sua inteligência, sua sinceridade, sua simplicidade, seu amor pela vida, seu sorriso radiante e constante, seu talento, seu trabalho, tantos pequenos e grandes momentos de felicidade que, sem pedir nada em troca, você proporcionou às pessoas que conheceu estão presentes em nós para sempre, assim como você estará sempre presente, como um farol a nos guiar.

Darwin, C. (1993). *Autobiografía* (A. Cohen, Trad.). Madrid: Alianza. (Original publicado em 1881).

Fuchs, H. (1995). Psicologia animal no Brasil: o fundador e a fundação. *Psicologia USP*, 6(1), 15-42.

Kinuchi, R. R. & Ramos, M. C. (2011). Biologia e psicologia: entrevista com César Ades. *Scientiae Studia*, 9(1), 189-203. Recuperado em 25 abril, 2012, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-31662011000100010&script=sci_arttext

Menandro, P. R. M. (2010, 15 de março). Nome completo: Professor César Ades (Homenagem). *I Reunião da Sociedade Brasileira de Neuropsicologia e comportamento*. Recuperado em 25 abril, 2012, de <http://www.iea.usp.br/cesarades.html>

Mendes, F. C. (Dida). (2012). *Homenagem a César Ades*. Recuperado em 25 abril, 2012, de <http://scienceblogs.com.br/socialmente/2012/03/uma-homenagem-ao-mestre-cesar-ades/>

Zanin, L. (2012). *Adeus a César Ades, um grande professor*. Recuperado em 25 abril, 2012, de <http://www.blogs.estadao/luiz-zanin/adeus-a-cesar-ades-um-grande-professor/>

Nota sobre os autores

Identificação dos co-autores e de sua relação com César Ades:

Dra. Ana M. A. Carvalho - professora associada (aposentada), Departamento de Psicologia Experimental (PSE) do IPUSP, aluna e colega de departamento.

Dra. Beatriz Beisiegel - bióloga, doutora pelo PSE-IPUSP, analista ambiental no CENAP/ICMBio (Centro Nacional de Pesquisas e Conservação de Mamíferos Carnívoros), orientanda.

Dra. Briseida Dôgo de Resende - professora doutora, PSE-IPUSP, aluna e colega de departamento.

Dr. Carlos C. Alberts - professor assistente, LEvEtho - Laboratório de Evolução e Etologia, UNESP - campus Assis, orientando.

Dra. Cibele Biondo - professora da Universidade Federal do ABC, aluna.

Gabriela Andrade da Silva - doutoranda em Psicologia Experimental, psicóloga na Universidade Federal do ABC, aluna.

Dra. Geneviève Bernardin - Grand Lyon, VetAgro SUP, Mission Animalité Humaine, parceira de intercâmbio científico.

Dr. Hilton Japyassú - professor da UFBA, orientando.



Dra. *Katharina Beraldo* – professora do Centro Universitário FIEO, aluna.

Leila Lapyda – psicanalista, aluna.

Lia Ades Gabbay – mestre em Psicologia do Desenvolvimento, doutoranda em Comportamento Alimentar, psicóloga clínica. Filha e aluna.

Lisa Legeay – filha de Geneviève Bernardin, amiga.

Dra. *Mara I. Campos-de-Carvalho* – professora doutora, Depto Psicologia FFCLRP-USP, colega e amiga.

Dra. *Maria Isabel Pedrosa* – professora titular, UFPE, aluna.

Dra. *Maria Clotilde Rossetti-Ferreira* – professora titular (aposentada), FFCLRP-USP, colega e amiga.

Dra. *Nina Furnari* – pesquisadora do Laboratório de Psicoetologia, PSE-IPUSP, orientanda.

Dra. *Patrícia Izar* – professora doutora do PSE-IPUSP, aluna e colega de departamento.

Dra. *Patrícia Ferreira Monticelli-Almada* – professora FFCLRP – USP, orientanda.

Dr. *Paulo R.M. Menandro* – professor titular, UFES, orientando.

Dr. *Rui F. Oliveira* – professor catedrático, ISPA – Instituto Universitário, Lisboa, parceiro de intercâmbio científico.

Dr. *Silvio Morato* – professor associado, Depto Psicologia FFCLRP-USP, colega e amigo.

Dr. *Walter Hugo de Andrade Cunha* – professor doutor (aposentado), PSE-IPUSP, orientador, colega de departamento e amigo.

Dra. *Yumi Goso* – pesquisadora de Razões e Motivos Pesquisa de Mercado, ex-aluna do PSE.

Data de recebimento: 30/04/2012

Data de aceite: 02/05/2012